

IDOSOS E REDES SOCIAIS DIGITAIS: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Barbara Frigini De Marchi¹
Claudia Broetto Rossetti²
Larissy Alves Cotonhoto³

resumo

Considerando os fenômenos do envelhecimento populacional e da crescente popularização das novas tecnologias, este artigo buscou investigar aspectos afetivos e cognitivos envolvidos na compreensão e utilização de redes sociais digitais (RSD) por idosos. Para tanto, contou com a participação de 26 pessoas, com idades entre 65 e 74 anos, com perfis ativos em RSD, a partir de amostra de conveniência. Essas foram entrevistadas individualmente, tendo por referência o método clínico piagetiano. Os dados coletados foram submetidos à análise de conteúdo, priorizando-se a leitura qualitativa. Os resultados

1 Graduada em Psicologia. Doutoranda em Psicologia. Psicóloga da Secretaria de Estado da Saúde do Espírito Santo. E-mail: barbara.psi.fdm@gmail.com.

2 Graduada em Psicologia. Pós-doutora em Psicologia. Professora titular da Universidade Federal do Espírito Santo, vinculada ao Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento. E-mail: cbroetto.ufes@gmail.com.

3 Graduada em Pedagogia e Psicologia. Pós-doutora em Psicologia. Professora no Instituto Federal do Espírito Santo, vinculada ao Centro de Referência em Formação e em Educação a Distância. E-mail: larissyalves@gmail.com.

indicaram que os idosos, apesar de não pertencerem a uma geração nativa das atuais tecnologias e terem dificuldades para conceituar as RSD, estão ativos e participativos nelas, especialmente no *Whats-App*. Demonstraram também que os idosos começaram a utilizar tais ferramentas a partir do incentivo de familiares, de necessidades de trabalho e comunicação e, ainda, de interesse em sentirem-se pertencentes ao contexto social contemporâneo. Verificou-se que o uso de RSD pode contribuir para a promoção do desenvolvimento nessa etapa da vida, por meio da autovalorização e de um processo ativo de conhecimento. Tais aspectos reforçam, portanto, a premissa de Piaget no que tange à continuidade do desenvolvimento humano, de forma ativa e dinâmica, mesmo entre os mais velhos. Espera-se com este estudo contribuir para outras investigações com foco na velhice e nas novas tecnologias a partir da perspectiva da Psicologia do Desenvolvimento.

palavras-chave

Idosos. Redes Sociais Digitais. Psicologia do Desenvolvimento.

1 Introdução

A internet inaugurou um novo modo de aquisição de informações, pensamento, comunicação social, lazer (MIRANDA; FARIAS, 2009), possibilidade de expressão, socialização e entretenimento (FERREIRA, 2017). Sua expansão possibilitou também o desenvolvimento das redes sociais digitais⁴ – RSD (GASQUE, 2016), que podem ser consideradas um movimento da contemporaneidade (FERREIRA FILHO; NASCIMENTO; SÁ, 2012), fazendo parte da rotina de centenas de milhões de pessoas (BORDIGNON; BONAMIGO, 2017; CARVALHO; MURBACK, 2014; SANTOS, 2016).

Tais redes caracterizam-se como “*sites* na internet que permitem a criação e o compartilhamento de informações e conteúdos pelas pessoas e para as pessoas, nas quais o consumidor é ao mesmo tempo produtor e consumidor da informação” (TORRES, 2012, p. 113). Recebem a denominação de RSD

4 Nas publicações científicas encontradas na revisão de literatura empreendida, os termos redes sociais digitais e redes sociais virtuais apareceram como sinônimos. Ferreira (2017) aponta que existem várias denominações para essa ferramenta, como, por exemplo, mídias sociais e comunidades virtuais. Optamos, no entanto, por adotar nesse trabalho somente o primeiro termo, de modo a tornar homogêneo o texto.

porque são sociais, isto é, livres e abertas para a colaboração e interação dos usuários e, ainda, são mídias na medida em que funcionam como meios de transmissão de conteúdos e informações (TORRES, 2012). Dessa forma, seus conteúdos tendem ao infinito, pois qualquer usuário pode contribuir adicionando outros, sempre que assim o desejar (SOUZA; ARAÚJO; PAULA, 2015).

Já Lima (2011) descreve as RSD como espaços ou grupos específicos na internet que admitem o compartilhamento de dados e informações de caráter geral ou específico de diversos modos: arquivos, textos, fotos, imagens, vídeos, dentre outros. O autor destaca que pode haver a formação de grupos motivados por afinidade, bem como de espaços abertos ou fechados para a realização de discussões, debates ou apresentação de vários assuntos.

Atualmente, as RSD representam as plataformas digitais de maior abrangência para a socialização e comunicação das informações no universo virtual (CHEPE; ADAMATTI, 2015). Pesquisa realizada pela agência We Are Social e plataforma *Hoosuite* indicou que dentre 4.021 bilhões de pessoas que utilizam a internet, 3.196 bilhões estão, também, fazendo uso dessas redes. Os dados apontaram, ainda, que, entre janeiro de 2017 e o mesmo mês de 2018, o número de usuários mundiais de RSD cresceu o equivalente a 13%. Dos 139,1 milhões de brasileiros (66% da população total) que têm acesso à internet, 130 milhões são usuários ativos de RSD, navegando em média três horas e 39 minutos por dia, o que dá ao país o segundo lugar no *ranking* mundial. O *YouTube* é a RSD mais utilizada (60%) entre os brasileiros de 16 a 64 anos, seguida imediatamente pelo *Facebook* (59%). Outra pesquisa, a *Global Social Media*, realizada pela empresa alemã Statista (2018), constatou, porém, que o *Facebook* é a RSD mais acessada em todo o mundo, enquanto o Ibope Conecta, a partir de investigação no Brasil a 2000 internautas em junho de 2017, mostrou a predominância do *WhatsApp*.

Nesse cenário, percebe-se que a parcela idosa da população está aderindo cada vez mais à internet (FELIZMINO; BARBOSA, 2018). De fato, dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD (IBGE, 2016a) mostraram que a sua utilização cresceu entre a população com 60 anos ou mais, representando 12,6% em 2013, 14,9% em 2014 e 17,4% no ano seguinte, resultando num aumento de 38,1% em três anos. Além disso, segundo Stacheski (2013), essa faixa etária é a que mais cresce no uso das RSD.

Visando investigar o comportamento dos idosos nas RSD, Dellarmelin, Balbinot e Froeming (2017), a partir de estudo quantitativo, verificaram que a rede mais acessada pelos 191 participantes era o *Facebook* (94,74%), seguido pelo *WhatsApp* (85,79%). Perceberam, também, que esse público se apropria das RSD como mecanismo de diálogo e de inserção social. Nas palavras dos autores, “as novas tecnologias e as redes sociais, por meio das comunidades

on-line, tornam-se um espaço para a ressocialização, auxiliando os idosos a serem ativos e a integrarem-se na sociedade contemporânea via sua inserção no mundo virtual” (DELLARME LIN; BALBINOT; FROEMING, 2017, p. 175-176).

Já Ferreira (2017), que realizou entrevistas com 21 idosos, apontou como fatores motivadores para o uso das RSD a possibilidade de maior e melhor comunicação com familiares, a vontade de sentirem-se pertencentes e incluídos na sociedade, e a economia de dinheiro – dado que, por elas, podem comunicar-se sem um custo adicional aos que já têm com seus telefones ou computadores. A pesquisadora constatou, ainda, que: a rede mais utilizada pelos idosos era o *WhatsApp*, em função da facilidade de uso; que as mensagens instantâneas representavam os recursos mais populares e, por fim, que o incentivo para a criação de perfil nas RSD veio, sobretudo, de familiares.

Tendo em vista que, atualmente, a velhice é considerada a mais longa etapa do desenvolvimento humano (SANTANA; BERNARDES; MOLINA, 2016), é importante que mais estudos visem compreendê-la, bem como a suas condições (FERNANDES; ANDRADE, 2016; SANTOS; ORTEGA, 2014). O fenômeno ocorre mundialmente (OMS, 2015; ONU, 2017) e é tão significativo que, pela primeira vez na história, a maior parte das pessoas deve viver para além dos 60 anos de idade. Essa etapa do ciclo vital deve, então, ser encarada como um triunfo, mas também como um desafio, que traz consigo novas demandas socioeconômicas e de saúde (IBGE, 2016b).

Nesse sentido, a Organização Pan-Americana da Saúde lançou o documento *Envelhecimento ativo: uma política de saúde* com informações para a discussão e elaboração de planos de ação com foco na promoção de um envelhecimento saudável, o qual é definido como “[...] o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2005, p. 13). O termo “ativo” faz referência, portanto, além de ao bem-estar físico, à participação em questões sociais, econômicas, culturais, civis e espirituais.

Tanto na redação de documentos oficiais como nas ações do dia a dia, é preciso considerar que o envelhecimento é um processo que sofre influências de inúmeros fatores, tais como gênero, cultura e classe social. A eles podem-se acrescentar a informatização da sociedade e a conexão via internet (MORTARI, 2011). Por se tratar de uma tecnologia nova, Miranda e Farias (2009) afirmam que seu impacto é maior nos idosos, grupo que não teve contato ou não acompanhou sua evolução, pois, segundo Silveira, Parrião e Fragelli (2017), essa geração não é nativa das tecnologias.

Desse modo, após a revisão de literatura, optou-se por realizar a discussão dos dados a partir da teoria de Jean Piaget (1896-1980), fundador da

Epistemologia Genética. Apesar de toda sua obra ter sido produzida numa época anterior à popularização das novas tecnologias (a exemplo da internet e, mais recentemente, das RSD), Rossetti e Souza (2016) defendem que tal arcabouço permite a formulação de boas perguntas e respostas a respeito da construção de novos conhecimentos e do funcionamento mental, devido a seu caráter universalista. Este procura por regularidades que permitem, simultaneamente, retirar o homem de seu tempo histórico específico e considerar a influência do(s) contexto(s).

Nesse sentido, a teoria piagetiana assume uma visão construtivista-interacionista, defendendo que a formulação do conhecimento se dá por meio de uma construção ativa do sujeito, resultado de sua interação com um objeto. O mesmo sujeito que busca, ativamente, alterar e adaptar seu contexto, acaba por dele sofrer múltiplas influências. Nas palavras do próprio Piaget (2000, p. 15), “Conhecer não consiste, com efeito, em copiar o real, mas em agir sobre ele e transformá-lo”.

Para Piaget (1990), o desenvolvimento se dá no decorrer de toda a vida, não se restringindo à infância ou à adolescência. Caracteriza-se por um progressivo equilíbrio, em que há continuamente passagem de um estado de menor equilíbrio para um de maior. Piaget defende, assim, que aquisições novas não anulam as antigas, mas que novidades dão seguimento às conquistas anteriores, integrando-as, então, em um novo nível de equilíbrio. O desenvolvimento é, portanto, contínuo e integrativo, na medida em que há sucessão de capacidades antigas e recentes (SOUZA, 2012).

Para que continue progredindo no desenvolvimento e na construção de conhecimentos, o indivíduo precisa passar da ação autônoma para a construção de esquemas que possibilitem a representação mental da mesma (MISSAWA, 2017). Cabe, portanto, tratar de importante conceito na teoria piagetiana: o fazer e o compreender. Nas palavras de Piaget (1978a, p. 179), compreender é “isolar a razão das coisas, enquanto fazer é somente utilizá-las com sucesso, o que é, certamente, uma condição preliminar da compreensão, mas que esta ultrapassa, visto que atinge um saber que precede a ação e pode abster-se dela”.

Fazer, então, refere-se a compreender determinada situação na ação, de forma suficiente a alcançar os objetivos traçados. Já compreender diz respeito a ser capaz de dominar, em pensamento, as mesmas situações e conseguir solucionar os problemas por elas disparados (PIAGET, 1978a). Resumidamente, fazer é “compreender em ação” e compreender, “conseguir em pensamento” (p.176). Vale destacar que a representação da ação (compreender) não é alcançada por uma “iluminação súbita do espírito” (SOUZA, 2014, p. 130), mas sim construída gradativamente.

Ao estudar a origem do conhecimento, Piaget (1994) chama atenção ao fato de que não há ato de inteligência, mesmo que prática, desprovido de interesse em seu ponto de partida e de regulação do afeto durante o desenrolar da ação. Segundo ele,

[é] indiscutível que o afeto tem um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem o afeto não haveria nem interesses, nem necessidades, nem motivação; em consequência, as interrogações ou problemas não poderiam ser formulados e não haveria inteligência. O afeto é uma condição necessária para a constituição da inteligência. No entanto, em minha opinião, não é uma condição suficiente (PIAGET, 1994, p. 129).

Depreende-se, portanto, que todo comportamento contém, necessariamente, elementos afetivos e cognitivos (PIAGET, 2005a), sendo tais dimensões indissociáveis umas das outras (PIAGET, 1983). Para melhor compreender a afetividade, é válido tratar de um de seus aspectos, a autovalorização – discutida por Piaget em *Inteligencia y Afectividad* (2005a). Nessa obra, o autor esclarece que a autovalorização mantém relação com uma espécie de troca que o indivíduo realiza consigo próprio em resposta à troca com outrem, se expressando, desse modo, pelos sentimentos de inferioridade e superioridade que se tem sobre si.

Piaget (2014) afirma que temos, a cada momento, necessidade de apreciação dos outros, e acrescenta que é impossível agirmos por longo tempo sem que experimentemos a necessidade de estima e aprovação de alguém. Para Missawa (2017), a valorização que o indivíduo se atribui influencia na determinação de seus interesses, na energia empenhada para alcançá-los e, ainda, em seu nível de atenção.

Todos os aspectos citados fornecem embasamento para investigações a respeito do desenvolvimento humano, o qual, segundo Santos e Ortega (2012a), está sofrendo modificações à medida que as populações mundiais tornam-se mais longevas. Os autores acrescentam que os atuais paradigmas das Psicologias do Desenvolvimento e do Envelhecimento apontam que a estimulação deve estar presente na rotina das pessoas no decorrer de toda a sua vida (SANTOS; ORTEGA, 2012b). Parece, assim, que o uso de RSD pode contribuir nesse sentido, uma vez que Bueno, Vega e Buz (2009) defendem que, dada a maior duração da velhice, os indivíduos têm que dar continuidade a seu processo de socialização e adaptação aos contextos em que se desenvolvem, nesse caso, cada vez mais tecnológicos. Barbovski, Macháckova e Ólafsson (2015) indicam ser necessário aprofundar a compreensão a respeito da utilização de RSD por idosos. Assim, o objetivo deste artigo consiste em investigar

aspectos afetivos e cognitivos envolvidos na compreensão e utilização de tais redes por esse público.

2 Método

O presente estudo, de abordagem qualitativa, é caracterizado como exploratório, uma vez que teve como finalidade principal proporcionar maior familiaridade com o problema em questão, tornando-o, dessa maneira, mais explícito (GIL, 2017). Além disso, seguiu as diretrizes estabelecidas pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2012), através da Resolução nº 466/2012, que dispõe sobre a realização de pesquisas com seres humanos; e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) em 26 de julho de 2018, com CAAE 91419618.4.0000.5542 e parecer n.º 2.787.616.

Para sua realização, foram entrevistadas 26 pessoas com idades entre 65 e 74 anos, divididas de forma homogênea quanto ao sexo, com os seguintes critérios de inclusão: ter ensino fundamental completo, possuir *smartphone* ou computador e, ainda, ter e acessar RSD. A escolha dos participantes se deu por amostra de conveniência, mais especificamente, com base no método bola-de-neve. Goodman (1961) esclarece que nele um indivíduo é recrutado para o estudo e é, então, solicitado a indicar outros de sua rede de relacionamentos que também possam ser sujeitos da pesquisa. O perfil deles pode ser assim resumido: idade média de 67,8 anos, com desvio padrão de 2,58; prevalência de aposentados (88,5%), ensino superior completo (69,2%) e estado civil casado (aproximadamente 70%).

Tais escolhas se basearam nas justificativas que ora se apresentam. A começar pela delimitação do tamanho da amostra, esta se deu com base na sugestão de Delval (2002), para quem há a necessidade de pelo menos 10 participantes para cada grupo estudado. O autor defende que um número menor poderia tornar mais difícil as comparações e, por conseguinte, as conclusões da pesquisa. Optou-se, portanto, em se garantir a participação de 13 idosos de cada sexo para a aplicação dos instrumentos.

Já os limites de idade justificam-se pelo fato de: 1) a maioria dos gerontologistas definirem o período de 60 a 65 anos como a idade início ou, ainda, idade de limiar (BROMLEY, 1988; DECKER, 1980; KERMIS, 1983; REBOK, 1987; WARD, 1984 *apud* STUART-HAMILTON, 2002), caracterizando, assim, um período de transição da vida adulta para a maturidade; 2) A Organização Mundial de Saúde entender que, a partir dos 75 anos, a pessoa é considerada anciã (MAUÉS *et al.*, 2010), o que poderia acarretar interferências advindas

de comprometimentos sensoriais ou cognitivos decorrentes do processo de envelhecimento.

A exigência da escolaridade mínima, por sua vez, deve-se aos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015 (IBGE, 2016a), que demonstraram que a utilização da internet está relacionada diretamente aos anos de estudos. Pessoas com menos que sete anos de escolaridade apresentaram percentual inferior à média nacional de utilização da internet (57,5%), ao passo que para pessoas com oito ou mais anos de estudos a proporção foi superior.

Os dados foram coletados por meio da realização de entrevistas individuais, gravadas em áudio, a partir de dois roteiros semiestruturados, tendo por referência o método clínico piagetiano (DELVAL, 2002; PIAGET, 2005b). Sua essência reside em intervenções constantes do pesquisador em resposta à atuação dos sujeitos, às ações e às explicações deles, visando, assim, descobrir os caminhos que seus pensamentos seguem, dos quais eles próprios muitas vezes não têm consciência (DELVAL, 2002). Houve, dessa forma, uma série de perguntas iniciais comuns a todos os participantes, que foram modificadas e expandidas à medida que forneciam as respostas. O primeiro roteiro de entrevista continha questões de caracterização dos idosos, as quais visavam investigar idade, escolaridade, estado civil e aposentadoria ou atividade de trabalho. Já o segundo abarcava questões referentes à relação deles com as RSD, sendo elas: 1) O que o(a) senhor(a) entende por RSD? Se tivesse que explicar a alguém o que elas são, o que diria?; 2) Quais delas o(a) senhor(a) mais utiliza? Por quê? e 3) Como o(a) senhor(a) começou a usar as RSD? Alguém o(a) ensinou? Se sim, quem?

No encontro com o participante, estabeleceu-se, inicialmente, um *rapport*, de forma a apresentá-lo ao tema do estudo e, minimamente, familiarizá-lo a pesquisadora e à situação de entrevista. Nesta ocasião, foram feitas explicações quanto ao assunto e finalidade da pesquisa, sigilo dos dados, anonimato, gravação em áudio da entrevista e direito de desistência de colaborar. Tendo ciência de todos esses aspectos e concordando livre e espontaneamente em participar, o idoso foi convidado a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em duas vias. É preciso destacar que, respeitando a confidencialidade – assegurada no TCLE – os nomes dos participantes não serão divulgados. Em caso de referência a eles, serão empregados nomes fictícios, seguidos de sua idade à época da coleta de dados entre parênteses.

Feita a transcrição de todo o conteúdo das entrevistas para se extrair o máximo possível de informações relevantes (DELVAL, 2002), realizou-se a análise dos mesmos com base na Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), priorizando-se a leitura qualitativa. Justifica-se tal opção pelo fato de Piaget

nunca ter tratado, em detalhes, da questão específica da análise e de seus trabalhos sobre método clínico, semelhantemente, não abordarem o assunto. É importante acrescentar que as categorias utilizadas nesta pesquisa foram definidas *a posteriori* e estão de acordo com o tema e os dados coletados. Dessa forma, não servem como modelo fixo para outro estudo, considerando-se as particularidades de cada temática e, ainda, da amostra selecionada para estudá-la (SILVA; FOSSÁ, 2015).

3 Resultados e discussão

Interessava investigar o que os idosos entendem por RSD, demandando, assim, uma definição espontânea. Doze (46,1%) deles conseguiram, sem dificuldades aparentes, fornecê-la. A maior parte da amostra (n=14; 53,9%), entretanto, o fez a partir das intervenções sucessivas da pesquisadora (n=3) ou não o fez (n=11). Aqueles que não conceituaram as RSD citaram as utilidades, exemplos, vantagens e desvantagens delas, como puderam ser observadas na fala de Rosa (67): “Complicado, porque vejo, já encaro olhando os pontos positivos e negativos. Eu falaria que é uma vantagem muito grande. Para os trabalhos hoje em dia, para você, quem tem uma grande empresa, de modo geral, é um desenvolvimento muito grande”. E, ainda, na de Maria (70): “Eu digo que é uma coisa que muitos dizem que é útil, mas eu acho muito complicada e eu prefiro a época que eu sentava, escrevia uma cartinha, recebia cartinha”.

O fato de os participantes não conseguirem definir o que são RSD assume, assim, correlação com o fazer e o compreender, elementos cognitivos discutidos por Piaget, considerando que “fazer” refere-se ao sucesso da ação propriamente dita e “compreender”, por sua vez, à representação mental dela (PIAGET, 1978a). Fica evidente, portanto, que esses idosos mantêm um descompasso da conceituação em relação à ação, na medida em que operam as redes que têm, mas não as compreendem suficientemente em pensamento, a ponto de conseguirem defini-las.

Sobre esse aspecto, é possível ponderar, ainda, que não formular e deter um conceito de RSD pode apontar para uma utilização não plena dos recursos oferecidos por elas, posto que, segundo Piaget (1978a, 1978b), o déficit na compreensão impacta no êxito da ação. Não se pretende, dessa forma, indicar que esses idosos não sejam capazes de utilizarem-nas satisfatoriamente, mas sim que o aprofundamento da compreensão sobre elas pode permitir que progridam em seus processos de desenvolvimento, ampliando suas possibilidades de pensar. Além disso, é preciso pontuar que a compreensão pode ser

alcançada na medida em que os participantes utilizarem as RSD, uma vez que o processo de construção do compreender ocorre de modo gradativo (SOUZA, 2014), justamente por meio da ação.

Considerando, assim, que para compreender é preciso fazer, isto é, agir, depreende-se que, nesse processo, o idoso mantém-se em atividade. Ele está, nessa medida, vivenciando um envelhecimento ativo (OMS, 2005), participando de questões sociais e culturais, o que contribui diretamente para seu desenvolvimento cognitivo e afetivo, já que esses são processos indissociáveis (PIAGET, 1983, 2005a).

Analisando-se as falas dos 12 entrevistados que efetivamente conceituaram as RSD, foi possível estabelecer três categorias: *ferramentas de comunicação e relacionamento*, *programas eletrônicos* e *fontes de conhecimento e informação*. O primeiro grupo de respostas refere-se ao entendimento de que as RSD propiciam e facilitam a comunicação, conexão e relacionamento entre pessoas e grupos, com destaque, portanto, para as interações. Outros participantes, no entanto, compartilham a opinião de que as RSD caracterizam-se por *programas eletrônicos* que permitem o contato entre pessoas. Tais entrevistados fizeram referência a *softwares*, aplicativos, espaço virtual, uso de telefone ou computador, dentre outros, ressaltando um sistema como mediador da comunicação entre duas ou mais pessoas. Isso é corroborado pela fala de Esmeraldina (65):

Eu diria que é um espaço virtual, onde pessoas que têm interesses em comum ou não, trocam. Trocam informações, trocam detalhes, notícias, ou se mostram. Onde as pessoas se exibem. Eu acho que é um espaço que, pela minha idade, eu não imaginava, até porque eu trabalhei com informação, né. Eu trabalhei com formação científica e tecnológica. Imagina, há 30, 40 anos a gente imaginar que a gente poderia estar assim a um clique, a dois cliques, com tanta informação a nossa disposição e com tantas notícias e com tantas possibilidades de interação. Para mim, isso aí é fantástico. Ao mesmo tempo que é fantástico, é meio que assustador, mas...

Já a categoria *fontes de conhecimento e informação* engloba as respostas que se referem às RSD como canal de obtenção e troca de notícias, informações, conhecimentos, pesquisas variadas. Iolanda (74) compreende as RSD como: “[...] uma fonte de, uma oportunidade de conhecimento, de ter relacionamento e divertimento também”.

Tais idosos, ao serem capazes de definir as RSD, demonstram conseguir isolar as razões, dominando as situações em pensamento (PIAGET, 1978a). Isso se mostra fundamental para a continuidade do desenvolvimento (MISAWA, 2017), pois quem conceitua as RSD progride cognitivamente. É possível

perceber, ainda, que os conteúdos das categorias estão relacionados, mesmo que parcialmente, aos conceitos de RSD encontrados na literatura. Quando se referem a elas como *ferramentas de comunicação e relacionamento*, os idosos aproximam-se do que afirma Torres (2012) sobre o caráter social das RSD, ao pontuar que assim o são em virtude da possibilidade de interação e colaboração de seus usuários. Já na categoria *programas eletrônicos*, eles parecem se restringir a especificação de mídias, quando o mesmo autor esclarece que as RSD atuam como meio de transmissão de informações e conteúdos vastos. Em *fontes de conhecimento e informação*, por sua vez, os entrevistados focalizam o que as redes lhes proporcionam, conforme descrito por Lima (2011), isto é, o acesso e compartilhamento de dados de modos diversificados, como arquivos, textos, fotos, imagens e vídeos.

O *WhatsApp* apareceu como a RSD mais utilizada e, também preferida dos idosos. Sua maior utilização está de acordo com os resultados do Ibope Conecta (2017) que mostrou a predominância de tal RSD no Brasil, e de Ferreira (2017). Já o segundo lugar, alcançado pelo *Facebook*, aproxima-se do panorama mundial de RSD mais usadas, de acordo com Statista (2018) e, ainda, com os resultados de Dellarmelin, Balbinot e Froeming (2017).

Essas correlações demonstram, portanto, que os idosos têm acompanhado a dinâmica e a tendência contemporâneas, em acordo com Bueno, Vega e Buz (2009), que destacam ser importante, em função da duração cada vez mais prolongada da velhice, que continuem socializando e adaptando-se aos novos contextos nos quais se desenvolvem – estando, esses, cada vez mais tecnológicos. Tais resultados, no entanto, divergem significativamente dos apresentados pela We Are Social e plataforma *Hoosuite*, nos quais o *YouTube* aparece como a RSD com maior número de usuários ativos no país. Há que se salientar, todavia, que a amostra pesquisada tinha idade inferior à deste estudo (até 64 anos), o que pode apontar explicações para tal diferença.

Quanto à preferência por tal RSD, os entrevistados apontaram três dimensões, sendo elas: *recursos disponíveis*, *privacidade* e *praticidade/comodismo*. A respeito da primeira delas, relataram que o *WhatsApp* é mais completo que as demais redes, uma vez que os permite telefonar, documentar arquivos, enviar mensagens, ter áudio e vídeo, além da possibilidade de grupos. Já a categoria *privacidade* remete às crenças dos idosos de que, no *WhatsApp*, suas atividades sofrem menos exposição, já que escolhem com quem compartilham arquivos ou informações, caracterizando-o, dessa forma, como mais individualizado ou restrito. Os idosos demonstraram, assim, desconhecer que outras RSD também lhes permitem manter diálogos de modo privado, a exemplo do *Facebook* e do *Instagram*. Por fim, *praticidade/comodismo* diz respeito às indicações dos

participantes de que preferem a RSD citada porque consideram que têm mais habilidade para usá-la, que é mais fácil ou, ainda, porque não têm o hábito de usar outras.

Esta questão demonstra que a afetividade direciona a ação dos idosos, fazendo-os, inclusive, utilizarem mais o *WhatsApp*. Nesse sentido, o afeto atua como dinamismo energético (PIAGET, 1990), modulando a intensidade da conduta, uma vez que os motivos apresentados por eles (e que deram origem às categorias citadas) relacionam-se aos seus interesses que, por sua vez, culminam na repetição da ação, isto é, no uso regular da RSD preferida.

Os idosos foram perguntados, também, sobre como começaram a usar as RSD. A análise dessa questão mostrou que isso aconteceu por *incentivo de familiares ou conhecidos, necessidade e sentimento de pertencimento*, tendo essas categorias contemplado o mesmo número de respostas. Sobre iniciarem-se nas redes a partir do *incentivo* de outras pessoas, a quase totalidade dos participantes fez referência aos *familiares*. Helena (66), por exemplo, fala sobre a influência de sua filha nesse processo:

Eu não usava. Foi numa férias e aí meus filhos já tinham e alguns parentes meus, que eu não via há muito tempo, do interior ou que moram fora do Brasil, achavam meus filhos nas redes sociais e ficavam mandando recado para mim. Aí minha filha falou: "Mãe, para! Eu nem sei quem é", porque não conhece, né. São gente de 30, 40 anos, da minha adolescência, meus parentes, que moram na Itália, na França, mesmo no Brasil em outros lugares. Aí manda recado para você quando não consegue falar, né, mais prático, por eles, que eles achavam e pelo nome sabiam. Aí ela falou: "Vou criar um para você que aí eles vão falar direto com você", que elas ficam mandando recado dos encontros de família, para saber notícia. Então, foi isso, ela fez. Na realidade, eu fiz com o objetivo de adicionar os parentes que eu não vejo há muito tempo, os amigos de infância, de 30, 40 anos mais. Tem mais, né, que eu não vejo. Os outros eu convivo, moram aqui. Aí foi para entrar em contato com eles, que eles ficavam perguntando, para saber notícia. E aí comecei aí e aí a pessoa vê o seu e solicita, e o outro e aí você vai ampliando. E aí gostei e não parei mais.

Os idosos também trouxeram a *necessidade* nessa questão, indicando que usar as RSD lhes foi demandando em seus postos de trabalho. Francelino (67) é um deles, afirmando que "O *e-mail*, foi a necessidade do serviço, porque as coisas hoje são todas eletrônicas. [...] E eu acho que eu aderi à prática por necessidade do sistema". Além disso, relataram que sentiram necessidade de poderem se comunicar e terem acesso a informações, como é o caso de Ari (65): "Eu comecei a partir do momento que eu senti necessidade. Na hora que eu vi que as informações eram importantes para mim". Gentila (68), que

já tinha uma RSD, aponta que teve que se inserir em outra para ter acesso a informações de um grupo religioso:

Porque eu faço parte do Ministério, na Igreja, e aí eles começaram a colocar notícias no *WhatsApp*. Antes, eu recebia às vezes um *e-mail*, porque *e-mail* eu tenho há muito tempo. Recebia *e-mail*. Aí esquecia: “Ah, eu não mandei por *e-mail*. Esqueci. Botei no *WhatsApp*”. Aí eu tenho um amigo que estava extremamente conectado, aí de vez em quando ele mandava: “Olha, Gentila, vai ter isso. Vai ter reunião”. Então, eu comecei a me sentir, parece que eu estava excluída do grupo. Falei “Ok, vou botar”. [...] Tanto que eu resisti a ter o *WhatsApp*, depois um dia até falei lá na igreja: “Gente, quando eu entrei no Ministério, vocês deviam ter falado que precisava ter *WhatsApp*. Ninguém exigiu. E agora ficam me cobrando”. Aí eu fiquei meio aborrecida assim. “Vou botar lá”. Meu telefone era um daqueles bem simplesinho mesmo, sem nada, sabe. Meu telefone era telefone, era para telefonar (risos). Que agora o que menos se faz no telefone é telefonar, né. Aí um dia me enchi de razão, fui lá e comprei um aparelhinho melhor.

Sentimento de pertencimento, por sua vez, refere-se ao interesse que os idosos apontaram ter de não se sentirem excluídos do mundo, manterem-se atualizados e de acompanharem o que Hildo (70) denomina “modernidade” (sic). Nessa categoria, também apareceram respostas de que o início do uso das RSD foi feito automática ou naturalmente quando elas foram lançadas. Esmeraldina (65) fala a esse respeito:

Sei lá, não posso te dizer que no dia tal eu comecei, por isso ou por aquilo. Esse tipo de recurso, ele nos atrai, nos seduz eu acho e a gente acaba se envolvendo. [...] Eu acho que é pela possibilidade de a gente achar que está sempre bem informado. É uma ilusão, mas a gente sempre fica com aquela coisa assim. Tem dia que eu não olho, raramente, mas acontece de eu não olhar, por exemplo, o zap. Depois eu falo assim “Meu Deus, e se alguém me mandou um recado? Deixa eu olhar”. É aquela coisa de a gente estar sempre atualizado. [...] Eu não sei te dizer quando. Surgiu, entrei, deu certo.

Esse aspecto também aparece na entrevista de Alice (67): “[...] Eu gosto de estar interagida com o mundo. Bom, você vai ficar fora do mundo? Se eu estou no mundo, é para ficar nele, né. Então, eu gosto de sempre estar superatentada”. As RSD aparecem para os idosos, como se pode perceber, como um meio de sentirem-se parte da sociedade contemporânea, a par das evoluções tecnológicas e das novas formas de comunicação que delas advêm. Tais dados corroboram os encontrados nas pesquisas de Dellarmelin, Balbinot e Froeming (2017) e Ferreira (2017), na medida em que esses autores destacam

que os idosos passam a utilizar e se apropriar dessas ferramentas como um espaço de socialização, mantendo-se ativos e parte do cenário atual.

Nessa última categoria (*sentimento de pertencimento*), especialmente, percebe-se que os idosos consideram o desenvolvimento como um processo contínuo, o que é corroborado por Souza (2012), para quem, além de ser contínuo, é também integrativo. Os entrevistados se referem à importância de acompanharem os avanços tecnológicos e sociais, o que, naturalmente, demanda que sigam de um patamar de menor equilíbrio para um de maior, enquanto constroem novos conhecimentos (PIAGET, 1990), o que não significa, porém, que abandonarão as aquisições prévias. Além disso, é preciso destacar que ao acreditarem que podem se desenvolver (realizando, portanto, uma leitura subjetiva positiva de si mesmo) e, assim, se remeterem a um processo que é ininterrupto, esses idosos fazem referência, ainda, à autovalorização (PIAGET, 2005a). Esse aspecto afetivo pode contribuir para que se engajem mais ativamente nas RSD e desenvolvam, ainda, o uso de outros recursos, na medida em que a afetividade atua como espécie de combustível para o funcionamento da inteligência (PIAGET, 1994).

Ao se investigar como os participantes começaram a fazer uso das RSD, percebemos que dezenove (73%) deles receberam auxílio para se familiarizarem com o funcionamento delas, ao passo que os outros sete (27%) aprenderam por conta própria. O apoio veio, sobretudo, de *familiares* (também 73%), com destaque para *filhos* (78,9%), *cônjuges* (n=2; 10,5%), *sobrinho* (n=1; 5,3%) e *neto* (n=1; 5,3%). Também na pesquisa de Ferreira (2017) os principais incentivadores para que os idosos aderissem às RSD foram os familiares, o que demonstra que a afetividade está relacionada a si, mas também ao meio e a outrem. Tendo afeto por outros, o incentivo que deles advém é tomado em consideração e, conseqüentemente, mobiliza o aparato cognitivo para a ação que, no caso, é a descoberta das RSD e sua posterior utilização. Corrobora-se, assim, a defesa de Piaget (1983) de que aspectos afetivos e cognitivos mantêm-se indissociáveis, e a afetividade, por sua vez, se mostra mais uma vez como condição – embora não única – para a inteligência (PIAGET, 1994).

Os entrevistados demonstraram não se intimidarem com as novas tecnologias, usando-as e buscando, ao seu modo, mesmo que às vezes solitariamente, compreenderem-nas. Por isso, faz-se importante que o mesmo apoio recebido para iniciarem-se nas RSD, que lhes foi dado, sobretudo, por familiares, continue disponível, incentivando-os a progredirem na utilização e compreensão dessas ferramentas, bem como em seus processos de desenvolvimento.

4 Considerações finais

Os dados encontrados mostraram que os idosos, apesar de não pertencerem a uma geração nativa das tecnologias e terem dificuldades para conceituar as RSD, estão ativos e participativos em diversas delas. Além disso, indicaram que o início nas RSD ocorreu em virtude do incentivo de familiares ou conhecidos, de necessidade e de desejarem sentirem-se pertencentes ao contexto social atual, acompanhando, assim, as evoluções tecnológicas. Destacou-se, ainda, a predominância da utilização, pelos idosos, do *WhatsApp* (seguido pelo *Facebook*), devido à facilidade de uso, imediatismo das informações, maior demanda de acesso e recursos disponíveis. Tal RSD apareceu, ainda, como a preferida de tal público, em virtude dos recursos disponíveis, da privacidade e da praticidade/comodismo que oferecem.

Os resultados apresentados neste artigo reforçam a premissa de Piaget (1990) no que tange à continuidade do desenvolvimento humano, de forma ativa e dinâmica, mesmo entre os mais velhos. Propicia, ainda, a compreensão de que o uso de RSD tem potencial para mobilização de aspectos afetivos e cognitivos e promoção de desenvolvimento em idosos – na medida em que favorecem processos de equilíbrio – ao contrário dos antigos paradigmas da Psicologia e dos ainda atuais estereótipos que encaravam/encaram a velhice como um período exclusivamente de perdas. É inegável que elas possam, de fato, acontecer, mas também ganhos, avanços e aprendizagens, como em qualquer outra etapa da vida.

De modo a aprimorar essa investigação e contribuir para que tenha desdobramentos, é preciso destacar que outros aspectos afetivos e cognitivos permearam as entrevistas realizadas, a exemplo do interesse, memória e tomada de consciência, os quais, no entanto, não foram analisados por falta de profundidade dos dados. Sugere-se, assim, que sejam investigados em pesquisas futuras, bem como que se realizem estudos que combinem outras formas de coleta de dados, de maneira a permitir a triangulação dos mesmos. Outra possibilidade seria a realização de estudos longitudinais, iniciando-se com idosos que não utilizam as RSD e acompanhando sua inserção e consequentes mudanças cognitivas e afetivas a partir delas; o emprego de amostragem probabilística para se garantir maior representatividade populacional; e a escolha por participantes mais velhos, a exemplo dos idosos longevos – segmento que tem tomado dimensões cada vez maiores.

Diante do potencial das RSD, parece pertinente que essas ferramentas sejam trabalhadas, por meio de oficinas e aulas práticas, em Universidades Abertas a Terceira Idade e em Centros de Convivência do Idoso. Essas

modalidades de aprendizagem informal podem, assim, contribuir para que os idosos avancem em seus processos de fazer e compreender (PIAGET, 1978a), chegando à conceituação das RSD e consequente domínio cognitivo do que já realizam e que pode, dessa forma, ser aprimorado.

Por fim, espera-se contribuir para outras investigações sobre a velhice e a influência das novas tecnologias sobre a qualidade de vida dos mais velhos. Almeja-se, ainda, que os dados apresentados possam servir de subsídios para produções acadêmicas futuras, bem como a políticas públicas voltadas a esse segmento populacional.

OLDER ADULTS AND DIGITAL SOCIAL NETWORKS: AN EXPLORATORY STUDY

abstract

Considering the phenomena of population aging and the increasing popularization of new technologies, this article aimed to investigate the affective and cognitive aspects involved in the comprehension and use of digital social networks (DSN) by older adults. Twenty-six people were interviewed, from 65 to 74 years old, with active profiles on DSN, from a convenience sample. Individual interviews were made, using Piaget's clinical method. The data were submitted to a content analysis, prioritizing a qualitative reading. The results indicated that older adults – although not belonging to a native generation of the new technologies and having difficulty defining the DSN – are active and participative on them, especially on *WhatsApp*. They also demonstrated that they started to use these tools with the encouragement of family members, for need at work and to communicate, and also because of an interest in belonging to the contemporary social context. It was found that the use of DSN can contribute to the promotion of development in this phase of life, through self-valorization and an active process of knowledge. Such aspects reinforce Piaget's premise regarding the continuity of human development, actively and dynamically, even among older adults. This study is expected to contribute to other investigations focusing on old age and new technologies from the perspective of Developmental Psychology.

key words

Senior Citizens. Digital Social Networks. Developmental Psychology.

referências

- BARBOVSCHI, Monica; MACHÁCKOVA, Hana; ÓLAFSSON, Kjartan. Underage use of social network sites: it's about friends. *Cyberpsychology, behavior, and social networking*, United States, v. 18, n. 6, p. 328-332, June 2015.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BORDIGNON, Cristina; BONAMIGO, Irme Saete. Os jovens e as redes sociais virtuais. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 12, n. 2, p. 310-326, ago. 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. *Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012*. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, pelo Ministério da Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: http://bvsm.sau.gov.br/bvs/sau/legis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 18 abr. 2019.
- BUENO, Belén; VEGA, José Luis; BUZ, José. Desenvolvimento social a partir da meia-idade. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesús (org.). *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 421-437.
- CARVALHO, Vanessa Oliveira; MURBACK, Fábio Guilherme Ronzelli. Estudo da utilização de redes sociais digitais nas empresas brasileiras. *Gestão & Conhecimento*, Poços de Caldas, v. 1, n. 1, jan./dez. 2014.
- CHEPE, Lucélia Moreira; ADAMATTI, Diana Francisca. Estudo sobre interação de idosos em redes sociais digitais. *Informática na Educação: Teoria e Prática*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 177-198, dez. 2015.
- DELLARME LIN, Mateus Luan; BALBINOT, Valmíria Antonia; FROEMMING, Lurdes Marlene Seide. Análise do comportamento e utilização das redes sociais pelos idosos. *Revista Sociais e Humanas*, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 174-184, 2017.
- DELVAL, Juan. *Introdução à prática do método clínico*: descobrindo o pensamento das crianças. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- FELIZMINO, Thiago de Oliveira; BARBOSA, Rochele Bezerra. Idosos e dependência de internet: uma revisão bibliográfica. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, Salvador, v. 7, n. 1, p. 120-127, mar. 2018.
- FERNANDES, Janaína da Silva Gonçalves; ANDRADE, Márcia Siqueira de. Representações sociais de idosos sobre velhice. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, p. 48-59, ago. 2016.
- FERREIRA FILHO, Edson Pinto; NASCIMENTO, Marthan Francisquini do; SÁ, Reginaldo José. Redes sociais digitais: uma nova configuração no estilo de vida da contemporaneidade. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 9., 2012, Resende. *Anais [...]*. Resende: AEDB, 2012.
- FERREIRA, Michelle Cristina. *Idosos internautas*: a influência das redes sociais virtuais na qualidade de vida e relacionamentos familiares e sociais. 2017. 113 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2017.
- GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. Internet, mídias sociais e as unidades de informação: foco no ensino-aprendizagem. *Brazilian Journal of Information Science: Research Trends*, Brasília, DF, v. 10, n. 2, p. 14-20, nov. 2016.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GOODMAN, Leo. Snowball sampling. *Annals of Mathematical Statistics*, United States, v. 32, n. 1, p. 148-170, 1961.

IBOPE CONECTA. *WhatsApp é o app de rede social mais usado pelos internautas brasileiros*. São Paulo, 2017. Disponível em: <http://ibopeconecta.com/whatsapp-e-o-app-de-rede-social-mais-usado-pelos-internautas-brasileiros/>. Acesso em: 1 maio 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal – 2015*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016a. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99054.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI*. Rio de Janeiro: IBGE, 2016b. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=297884>. Acesso em: 27 fev. 2019.

LIMA, Luiz Claudeivan Cruz. *Análise das práticas docentes de planejamento e mediação em redes sociais no ensino médio*. 2011. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Computação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

MAUÉS, Cristiane Ribeiro *et al.* Avaliação da qualidade de vida: comparação entre idosos jovens e muito idosos. *Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica*, São Paulo, v. 8, n. 5, p. 405-410, set. 2010.

MIRANDA, Leticia Miranda de; FARIAS, Sidney Ferreira. As contribuições da internet para o idoso: uma revisão de literatura. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 13, n. 29, p. 383-394, jun. 2009.

MISSAWA, Daniela Dadalto Ambrozine. *A todo vapor, sem pensar e distraído: relação entre afetividade e inteligência em crianças com o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH)*. 2017. 162 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

MORTARI, Fábio Augusto Ericsson. *Inclusão digital das pessoas mais velhas: uma experiência de ações de formação nos Espaços Internet em Portugal*. 2011. 81 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *World Population Prospects – The 2017 Revision: Key Findings and Advance Tables*. ONU: Nova Iorque, 2017. Disponível em: https://esa.un.org/unpd/wpp/publications/files/wpp2017_keyfindings.pdf. Acesso em: 26 fev. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. Disponível em: http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf. Acesso em: 2 abr. 2019.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD (OMS). *Informe mundial sobre el envejecimiento y la salud*. OMS: Estados Unidos, 2015. Disponível em: <https://www.who.int/ageing/publications/world-report-2015/es/>. Acesso em: 1 abr. 2019.

PIAGET, Jean. *Fazer e compreender*. São Paulo: Melhoramentos, 1978a.

PIAGET, Jean. *A tomada de consciência*. São Paulo: Melhoramentos, 1978b.

PIAGET, Jean. Inconsciente afetivo e inconsciente cognitivo. In: PIAGET, Jean. *Problemas de psicologia genética*. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 226-234. (Coleção Os Pensadores).

PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. 10. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

PIAGET, Jean. La relación del afecto con la inteligencia en el desarrollo mental del niño. In: DELAHANTY, G.; PERRÉS, J. (ed.). *Piaget y el psicoanálisis*. Xochimilco: Universidad Autónoma Metropolitana, 1994. p. 181-289.

PIAGET, Jean. *Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

PIAGET, Jean. *Inteligência y afetividade*. Buenos Aires: Aique, 2005a.

PIAGET, Jean. *A representação do mundo na criança*. Aparecida: Ideias & Letras, 2005b.

PIAGET, Jean. *Relações entre a afetividade e a inteligência no desenvolvimento mental da criança*. Organização e tradução de Cláudio J. P. Saltini e Doralice B. Cavenaghi. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

ROSSETTI, Claudia Broetto; SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. A teoria de Piaget e os contextos atuais de desenvolvimento. In: SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; LEITE, Sérgio Antônio da Silva (org.). *Psicologia do desenvolvimento: teorias e práticas em diferentes contextos*. São Paulo: Mercado de Letras, 2016. p. 55-70.

SANTANA, Carla da Silva; BERNARDES, Marina Soares; MOLINA, Amanda Marcório Touro Branco. Projetos de vida na velhice. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 171-186, 2016.

SANTOS, Claudimara Chisté; ORTEGA, Antonio Carlos. Relações entre aspectos cognitivos e afetivos em idosos. *Schème*, Marília, v. 4, n. 1, p. 109-148, jul. 2012a.

SANTOS, Claudimara Chisté; ORTEGA, Antonio Carlos. Oficinas com idosos na perspectiva da psicologia do desenvolvimento. In: ROSSETTI, Claudia Broetto; ORTEGA, Antonio Carlos (org.). *Cognição, afetividade e moralidade*. São Paulo: Caso do Psicólogo, 2012b. p. 155-178.

SANTOS, Claudimara Chisté; ORTEGA, Antonio Carlos. Conduta e análise heurística de idosos no jogo "Cara a Cara". *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 32, n. 76, p. 8-21, mar. 2014.

SANTOS, Rita Serralheiro. *A influência do Instagram na atitude do consumidor: o caso da Levi Strauss & Co.* 2016. 80 f. Dissertação (Mestrado em Marketing Digital) – Universidade Europeia, Lisboa, 2016.

SILVA, Andressa Hennig; FOSSÁ, Maria Ivete Trevisan. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, Campina Grande, v. 16, n. 1, jun. 2015.

SILVEIRA, Beatriz Oliveira; PARRIÃO, Giorgia Barreto Lima; FRAGELLI, Ricardo Ramos. Melhor idade conectada: um panorama da interação entre idosos e tecnologias móveis. *Revista Tecnologias em Projeção*, Brasília, DF, v. 8, n. 2, p. 42-53, 2017.

SOUZA, Juliana Lopes de Almeida; ARAÚJO, Daniel Costa de; PAULA, Diego Alves de. Mídia social WhatsApp: uma análise sobre as interações sociais. *Revista Alterjor*, Butantã, v. 11, n. 1, p. 131-165, maio 2015.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. Afetividade segundo Jean Piaget: contribuições para a psicologia do desenvolvimento. In: ROSSETTI, Claudia Broetto; ORTEGA, Antonio Carlos (org.). *Cognição, afetividade e moralidade: estudos segundo o referencial teórico de Jean Piaget*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. p. 137-154.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. Construção de conhecimento e psicologia do desenvolvimento: contribuições da teoria de Piaget. *Schème*, Marília, v. 6, número especial, p. 129-140, nov. 2014.

STACHESKI, Denise Regina. *Idosos e a "A Nova Cara da 3ª Idade": redes digitais, voz e a refração de estigmas sociais*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM CIBERCULTURA, 7., 2013, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: ABCiber, 2013.

STATISTA. *Most popular social networks worldwide as of October 2018*. New York, 2018. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/272014/global-social-networks-ranked-by-number-of-users/>. Acesso em: 7 mar. 2019.

STUART-HAMILTON, Ian. *A psicologia do envelhecimento: uma introdução*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TORRES, Cláudio. *A bíblia do marketing digital*. São Paulo: Novatec Editora, 2012.

WE ARE SOCIAL. *Global Digital Snapshot*. New York, 2017. Disponível em: <https://weare-social.com/special-reports/digital-in-2017-global-overview>. Acesso em: 3 mar. 2019.

Data de Submissão: 11/07/2019

Data de Aprovação: 19/02/2020